

01/07/2008 - O país das Olimpíadas, sem intermediários

Relação comercial estimula o interesse lingüístico entre os países de língua portuguesa e a China

A China, a nação mais populosa do planeta, sede dos Jogos Olímpicos de agosto e alvo da balança comercial brasileira, começa a firmar política de boa vizinha lingüística com a lusofonia.

Iniciativas inéditas de aproximação, que passam pelas trocas comerciais e pelo ensino do português e mandarim, tomam forma entre chineses e países de língua portuguesa. Portugal e China, por exemplo, anunciaram no fim de maio, em Pequim, a escolha de 2011 como o "Ano de Portugal na China". Os chineses transformaram Macau, região de colonização portuguesa na costa meridional do país, num ponto estratégico para suas ambições no Brasil e na África lusófona.

O interesse chinês ocorre em meio a um despertar lusófono para a China. Portugal lançou ano passado a edição de luxo do Dicionário Português-Chinês, do jesuíta Mateo Ricci (1552-1610), o primeiro em sua categoria, há décadas fora de catálogo. No Brasil, a iniciativa recente é um dicionário trilingüe (mandarim, português, inglês), considerado o único em seu gênero feito no país. O Dicionário de Mandarim PinYin (Aduaneiras, 2008), de Durval Noronha, conta com mais de 3,5 mil entradas relacionadas às áreas jurídica e empresarial.

Advogado que atua na mediação comercial com a China, Noronha defende que o aprendizado da língua é fundamental aos interessados em negócios por lá. A China é o terceiro parceiro comercial do Brasil, que é o maior parceiro dos chineses na América Latina. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as exportações e importações para China Continental, Macau e Hong Kong atingiram US\$ 9,8 bilhões até abril, superando em 44,7% os US\$ 6,8 bilhões do mesmo período de 2007.

- As relações comerciais entre Brasil e China estão num patamar de excelência sem precedentes. A complementaridade das economias assegura que as trocas bilaterais continuarão a crescer. Daí a cooperação política e as ações culturais crescerem lado a lado - afirma Noronha.

Interface lusófona

Paul Liu, presidente da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico, afirma que a prioridade da China é tornar Macau uma plataforma de relacionamento comercial com países lusófonos. - Como toda relação passa pelo aprendizado da cultura de outro país, o governo chinês tem priorizado o ensino da língua portuguesa e incentivado o intercâmbio com Macau - afirma Liu.

Os chineses mudaram sua conduta em relação a Macau desde 2003, com a organização de um fórum para reavaliar a importância do português na região - o chamado "Fórum para a Cooperação Econômica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa". Na terceira edição do evento, prevista para 2009, Portugal, China e Brasil devem discutir a atuação conjunta na África, para garantir segurança nos investimentos na região.

Para Márcia Schmaltz, especialista em tradução pela Universidade de Pequim, são crescentes os estudos na área de lexicografia (para composição de dicionários português-chinês) na China. Márcia está entre os quatro pesquisadores brasileiros do departamento de português da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Macau. Ao lado de colegas portuguesas e chinesas, ela e os outros brasileiros, Raimundo Enedino dos Santos, Ricardo Moutinho e Roberval Teixeira Silva, estudam de que forma os chineses assimilam o português como língua estrangeira.

As iniciativas atuais de aproximação entre os idiomas, ressalta a professora, parecem querer reparar o relacionamento mantido no passado por Portugal e Brasil com a China. Mas, para ela, falta ainda ambiente lingüístico propício ao uso do português em situações concretas da realidade ("o português apenas circula em sala de aula"), panorama que só um aumento ainda maior de trocas comerciais e culturais mudará. Receptividade

Do lado de cá do planeta, há inédita receptividade ao chinês-mandarim. Conhecido pelos chineses como putonghua ("língua corrente"), mandarim foi o nome que os comerciantes portugueses deram ao conjunto de dialetos que hoje é falado por 97% dos chineses.

O momento comercial entre as nações e a proximidade dos Jogos Olímpicos contribuíram para a procura por cursos de mandarim em nosso país. Para Inty Mendoza, coordenador do Departamento de Mandarim do colégio Sidarta, em São Paulo, a procura por aulas particulares e cursos regulares mobilizou cerca de 100 mil pessoas em São Paulo desde 2007. Escolas brasileiras como o Sidarta e o PlayPen Cidade Jardins familiarizam suas crianças com escrita ideográfica, em exercícios feitos com pincel e nanquim.

Segundo Márcia Schmaltz, o termo "mandarim" também comporta o significado de "língua de mando", imposta. É ensinado nas escolas chinesas desde a fundação da República, em 1912, e encontra-se sedimentado. Mais do que a gramática, a pronúncia e a escrita chinesas são um desafio aos falantes de outras línguas. Um dos métodos de entendimento, usado pela obra de Noronha e nos colégios paulistanos, é o PinYin (soletração). O sistema transcreve os sons do chinês pelo alfabeto latino. Os chineses não escrevem em PinYin, mas com ideogramas que não representam apenas sons, mas conceitos.

Ao adotar o método de romanização PinYin, Noronha afirma ter feito o que os portugueses fizeram com o tupi-guarani, adaptar os sons da língua original para o nosso alfabeto, facilitando a leitura e o aprendizado. Talvez. A proximidade atual entre os nossos países pode acabar com séculos de desconhecimento sobre um outro modo de pensar em formato de idioma. O aprendizado do português na China e do mandarim no Brasil, chave para o entendimento mútuo, pode reduzir distâncias simbólicas mais fortes do que as meramente geográficas ou comerciais.

A escrita ideográfica

A notação mais antiga dos ideogramas chineses remete a símbolos e ao movimento natural. São formas dinâmicas em que um desenho altera o entendimento de outro a que se coliga, avalia o lingüista Ernest Fenollosa, em ensaio de Ideograma (Cultrix, 1977), organizado por Haroldo de Campos (1929-2003). Haveria uma concretude na representação dos caracteres chineses, que o Ocidente não possui. A escrita chinesa, no entanto, não seria totalmente pictórica, afirma o lingüista Hans Joachim Störig em A Aventura das Línguas (Melhoramentos, 1990). Só em alguns caracteres atuais a forma originária é identificável.

No quadro ao lado pode-se acompanhar essa "evolução", que vai da imagem do objeto, reconhecível, até o símbolo, convencionalizado e arbitrário.

Evolução de um caractere

Forma antiga			
Forma sobre sinete			
Escrita normal			
Significado	ser humano	sol	cavalo